

Tancredo

Agora, Dona Risoleta Neves enfrenta com dor e resignação este triste momento da vida do ilustre Presidente Eleito do Brasil: Dr Tancredo de Almeida Neves. Deu-nos o exemplo, Dona Risoleta, ao suportar com fé, estes 39 dias de martírio do nosso querido Presidente. Oferecemos ele, sua vida, para que surgisse, neste país, o sentimento nacional de união democrática, hoje experimentado por nós brasileiros, que devemos mantê-lo vivo, nos nossos corações.

Não poderemos decepcionar D. Risoleta, esta dama altiva, e nem a memória de seu amado marido. Por eles, brasileiros, devemos juntar forças em nossas orações para que possamos honrar esta família brasileira, que soube mostrar-nos que realmente existe, vivo, o sentimento de democracia neste país. Sabemos que seremos mercedores deste sacrifício democrático.

Somos um povo que merece a República tão sonhada por Tancredo Neves. República esta, que se fará realizar, com o testemunho de D. Risoleta Neves, herdeira legítima das aspirações do nosso querido Presidente eleito.

Descansa em paz Tancredo Neves. Presidente de Honra de Todos Brasileiros. A nação honrará seus ideais. José Ernesto Cardoso Guadalupe — Rio de Janeiro.

(...) Adeus Presidente Tancredo de Almeida Neves. Um ramo verde da árvore do Brasil, o destino fez tombar às 22h23min, para a luz da manhã ser plantada antecipadamente na terra santa de São Francisco de Assis, a terra do ouro divino de Jesus Cristo, para brilhar eternamente para a Glória do Brasil; e de lá onde gozarás da maior paz junto com os arcanjos. Rezarás por todos nós brasileiros. O Brasil confia em tua prece, na tua vontade, no teu cuidado, no teu zelo e amor. Tudo isto vai ser guiado por este teu amigo, também distinto, homem amado por Deus, um poeta; nosso Presidente José Sarney. Louvor, honra, ao Coração de Jesus, nosso Salvador. Descansa em Paz Tancredo para viver junto de Deus. Maria Lúcia Lopes Pinto — Rio de Janeiro.

A relembração de momentos do nascimento de uma Nova República! A perda de um grande mito histórico. A eterna permanência de um Brasil promissor: cheio de liberdade, justiça e democratização. Tudo isto com a força, a fé e a dignidade de uma luta constante e árdua de um personagem tão marcante para o povo brasileiro — o Presidente Dr. Tancredo de Almeida Neves.

Sua figura jaz, pela eternidade, não só em seu seio materno — São João del Rey, como também num solo fértil e em todos os corações enferrujados dos seus filhos: nós brasileiros. Marlene Caruso — Rio de Janeiro.

Presidente Tancredo Neves, vieste para realizar mudanças reais, efetivas, corajosas e irreversíveis. Eu, a comunidade de gonçalense, fluminenses, e toda a nação brasileira, estaremos atentos — e nos empenharemos em torná-la realidade.

Acataremos o teu exemplo, prosseguiremos diligentes pela construção da Nova República e jamais deixaremos nos instrumentalizar por ideologias. Procuraremos, a todo momento, participar e praticar ativamente a democracia cristã. Sentimos a tua ausência, porém, não nos desesperaremos. Estarás sempre presente em nossa consciência Presidente Tancredo Neves. Pedro Epifanio da Silva, secretário geral do Movimento Nacional Tancredo Neves — São Gonçalo (RJ).

Na luta dramática entre a Vida e o Poder o último gigante da política brasileira — Tancredo Neves — mobilizou a atenção de 130 milhões de brasileiros... Todos esperávamos que, como um daqueles personagens da Roma clássica, o mapa do Brasil (hoje cravejado de ouro e diamantes) caísse tranqüilamente sobre seus ombros, qual toga de Pró-Cônsul Romano. Nenhum brasileiro, em sã consciência, desejou que sobre ele se abatesse o negro véu da Parca.

Mas desde os tempos da velha Grécia, a luta entre a Vida e o Poder é uma das constantes humanas. Geralmente o final indicando que os homens — e especialmente esta espécie chamada "classe política", que não está catalogada nos manuais de sociologia, mas que existe — prefere o Poder à Vida...

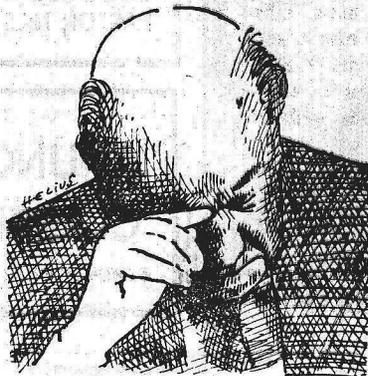
São numerosos na História o exemplo de reis agonizantes, no entanto sobre os quais é preciso acreditar que eram super-homens. O maior deles é o episódio de El Cid Campeador, cavalgando depois de morto.

No Brasil, um país que não tem memória e onde os políticos se formam

na improvisação das alianças dominantes, há o episódio clássico de Gumerindo Saraiva, que morto era conduzido numa carreta como se vivo estivesse, para que seus soldados fiéis não perdessem a última batalha da Revolução de 1893. Porque se os soldados percebessem que o caudilho morto estava, poderiam debandar, desordenadamente. E seus parentes e auxiliares mais próximos, como Aparício Saraiva e Torquato Severo isso não permitiram...

Há o exemplo recente de Costa e Silva, paralisado no Palácio Laranjeiras em 1968, enquanto a Junta ditava as regras...

Final, o que faz com que um senhor de 75 anos deixe a tranqüilidade de sua fazenda, de sua família, de seus netos, para se imolar na pira da paixão política? Certamente o sentido do Estado, da nação, do poder.



Uma explicação de nível psicológico, poderia afirmar que Tancredo, apesar de político experimentado, não resistiu, no interior de sua estrutura física, às terríveis pressões políticas que sobre ele se desencadearam, desde a formação de seu heterogêneo ministério, até o esforço — mais fisiológico ainda — para a formação dos escalões médios, onde a sanha das ambições pessoais, familiares, de clã, é quase incontrolável. E somatizou tudo nas terríveis hemorragias intestinais que mantiveram o país em estado de suspense.

Pobre Tancredo Neves! Gigante da nacionalidade, parece ter herdado o sentimento trágico, paternal, de um Getúlio Vargas, com quem toda comparação é válida.

O nome Tancredo, de origem teutônica, significa Rei dos Conselheiros.

Com uma visão imperial do Brasil (no bom sentido) ele lembra o Joca Ramiro do Grande Sertão Veredas, tentando conciliar seus jagunços, mas apesar de rijo e forte não resistiu à avalanche de pressões sobre ele acumuladas.

Transformou-se agora — pela bondade do nosso povo — no símbolo do salvacionismo, da última esperança, do santo guerreiro que sempre permeia a política brasileira. Virou santo, deus-vivo, alma-mater.

Para o povo simples e humilde de nossos sertões urbanos e rurais, ele já não é Tancredo, mas Dompedro, o Pai da Pátria.

Nascido em São João del Rey, ele encarnou a alma mística do brasileiro. Minas Gerais é a alma do Brasil, em certo sentido: terra de Tiradentes, de Milton Nascimento na música, de Pelé no esporte, de Carlos Drummond de Andrade na poesia, de Guimarães Rosa e Mário Palmério na literatura, berço da independência...

Há muito que se sabia que Tancredo Neves era um homem que o destino colocou entre duas páginas da História. Na primeira, ele criou e fundou — na segunda ele iria transformar.

Depois de tudo isso, uma coisa está clara: a pátria está implícita na solidariedade sentimental de um raça. Não basta acumular riquezas para criar uma pátria: é preciso que haja sonhos comuns. No arquétipo inconsciente das massas, Tancredo vive e revive. Paulo Ramos Derengolski — Florianópolis (SC).

Integrante do sofrido povo brasileiro, sinto que a tendência da vontade política dominante evolui em direção ao reconhecimento e ao provimento da necessidade de sustentação e fortalecimento políticos do Excelentíssimo Senhor Doutor José Sarney, Vice-Presidente em exercício da República, quando se eleva a probabilidade de prolongamento temporal do fortuito e indesejável impedimento do Presidente eleito, Excelentíssimo Senhor Doutor Tancredo de Almeida Neves, sob pena de seu enfraquecimento favorecer a rearticulação, o ressurgimento e a expansão de forças socio-econômico-políticas afastadas do poder estatal; para cuja atávica vocação liberticida é irrelevante que suas recuperação e reapropriação se subordinem à ultrapassagem do marco institucional vigente, assecuratória de sua reprodução e preservação, sob a forma

de re-instauração de estado de excepcionalidade recentemente superado. (...). Carlos Eduardo Pellegrini Di Pietro — São Paulo (SP).

Último dia

Os três grandes jornalistas que vieram salvar o JB, quem diria, acrescentaram dia 19/4 na Candelária o título de Colunistas Sociais de Primeira Página aos seus currículos. Prá mim chega. Dia 19/4 foi meu último dia de JB. Adalberto Nunes — Rio de Janeiro.

Política hospitalar

O momento trágico por que todos nós, brasileiros, passamos, suscita-me reflexões sobre, talvez pudesse chamar, a política dos hospitais, implementada por suas diferentes instituições; reflexões estas que estão relacionadas também com as experiências deste sofrido povo em alguns estabelecimentos de saúde deste país.

Quando um simples cidadão tem a necessidade de procurar um destes estabelecimentos é como se estivesse entrando num templo sagrado onde tanto ele como sua família não possuem nenhum poder.

Dentre as diferentes instituições que cimentam tal política, deparamo-nos com o poder da ciência médica e sua consequente seqüela que também pode ser considerada outra instituição: a "distância asséptica" em relação ao paciente e a sua família. Falamos do poder da ciência médica que codifica toda a sintomatologia e busca as causas do quadro apresentado pelo paciente dentro da racionalidade médica. É um momento assaz singular para qualquer indivíduo. Ele se vai reconhecer numa nosografia médica. É mais um código que lhe vai dar existência.

Podemos dizer que tal paciente sofre o código.

O grau de passividade ao qual é submetido, merece nossa reflexão, posto que está estreitamente relacionado com o distanciamento dos que executam e apresentam o saber médico, para quem sofre tal prática. Aqui merece menção a palavra paciente que pacientemente, passivamente sofre as "ações terapêuticas", desde horários, alimentação, até os atos cirúrgicos... se necessários.

O isolamento no qual está submerso, está estreitamente relacionado com a dificuldade de ser escutado, de poder ter suas dúvidas sobre o que lhe está acontecendo, de poder ter medos, de poder ter desejos, de poder se proporcionar um estatuto mais ativo como sujeito de sua cura, em fim de poder também ter poder.

Quando o Dr. Tancredo pedia um rádio "para saber das notícias", segundo entrevista do Dr. Olavo Setúbal, parece-me que enunciava o desejo de muitos que já estiveram ou estão em situações parecidas:

"Como está a vida? — Eu desejo saber das coisas".

Considero ainda um desafio para a racionalidade médica, viabilizada pela política dos hospitais possibilitar uma ação mais integrada a que se deva chegar percorrendo os intrincados meandros de tal racionalidade e da subjetividade de quem está submetido a ela.

Com a tragédia do Dr. Tancredo, apesar da suavização dos boletins médicos, cuja verdade é "amenizada, semanticamente" através do emprego de categorias científicas, até por sugestão da família, segundo o JORNAL DO BRASIL do dia 14/4/85, apesar das dúvidas do povo brasileiro que pairam sobre o desenrolar dos fatos, estão os médicos expondo-se a pressão do julgamento público, exibindo tanto as limitações como a crueldade da sua arte. Estamos vivendo a tentativa de uma prática mais democrática da medicina, em que o poder é mais compartilhado e portanto mais sujeito a mudanças.

Parece-me que o povo brasileiro jamais contactou com noções de medicina tão vivamente como nestes momentos tão difíceis pelos quais passa o nosso Presidente, jamais teve um exemplo tão vivo de iniciativa de democratização da medicina, como quando vê nos vídeos o Sr. Secretário de Saúde do Estado de São Paulo ou o Sr. Antônio Brito, com o semblante sofrido, cansado, darem informações sobre o estado de nosso Presidente. Antônio Brito lê um boletim médico e transmite um boletim sofrido, do estado de luta e sofrimento do nosso Presidente. Estamos num momento de desidealização da crença racionalista. Não lhe tiramos o mérito, apenas, sim, os ranços de que vem sofrendo ao longo dos anos, de autoritarismo. Lúcia Maria Ozório Moraes, psicóloga — Rio de Janeiro.

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.